

É esta uma brevíssima amostra do volume mais recente de poemas, intitulado Roma, de Franco Buffoni (Gallarate, Lombardia, 1948), considerado hoje um dos maiores poetas italianos da sua geração. Ensaísta, tradutor, professor universitário de Crítica Literária e de Literaturas Comparadas, director da revista especializada em teoria e prática da tradução Testo a Fronte, estreou-se como poeta em 1978 nas páginas de Paragone, apresentado por Giovanni Raboni. A partir de então, tem vindo a publicar várias colectâneas de poesia, desde Nell'acqua degli occhi (1979) até Guerra (2005).

Roma (2009) nasce de uma desorientação geográfica e antropológica, a desorientação com que este longobardo, transplantado para uma capital ao mesmo tempo clássica e levantina, pagã e islamizada, cristã e consumista, narra a descoberta desta cidade, cumprindo uma estafeta ideal entre as tantas Romas do passado e do presente, com o opus alexandrinum transformado no opus novum “de um hodierno / evasor total”. Cenário onde desde sempre vigoram e se misturam exploração do trabalho, meditação artística, sentido do pecado pregado pela Igreja, atitudes da hierarquia eclesiástica, marginalização dos pobres, etc. etc., esta Roma buffoniana não é, afinal, muito diferente daquela placa desértica, qual se mostra ao olhar de um Leopardi súbdito pontifício, niilista e dissidente.

Giulia Lanciani

Roma

Tumulo a sfera imitazione della volta celeste, luce tellurica brillante con doppia intensità dentro le mura, mentre attorno all'occhio del tifone disorganizzata pulsa Roma anonima credendosi scaltra. Per il riflesso della finestrella in alto a destra facciate barocche decorate a stucco spiccano cosmici voli da medievali cortili, gli strilli confessando agli autobus di scendere. E legazioni da Marche Umbria Romagna nell'altorilievo si affacciano al balcone oltre il triplo fossato, le posterle, i cunicoli nascosti scavati dagli slavi nella roccia verso il camino del primo focolare.

Da dove la balaustrata prende il mare sfiorando con disperata vanità d'Ostia gli scavi, i resti oggi si scorgono di quello che potrebbe definirsi un edificio abitativo urbano di vaste dimensioni, una cafonata imperiale con disegni geometrici a mosaico e in marmo policromo, opus alexandrinum a confrontarsi con l'opus novum di un odierno evasore totale.

Com'era il mondo dove sbarcò Enea al di sotto del piano di campagna? Rimosso lo strato di cenere compatta appaiono ambienti d'epoca ellenistica

Túmulo em esfera imitação da abóbada celeste, luz telúrica brilhante no interior com dupla intensidade, enquanto em volta do olho do ciclone desorganizada pulsa Roma anónima julgando-se entendida. Pelo reflexo duma janelinha à direita em cima fachadas barrocas com enfeites em estuque levantam cósmicos voos de pátios medievais, os berros confessando aos autôbus de descer. E legações das Marcas Úmbria Romanha no alto-relevo assomam ao balcão além do triplo fosso, poternas, galerias esconsas cavadas na rocha pelos eslavos para a lareira do primeiro fogo¹.

Donde a balaustrada toma o mar roçando com desesperada vaidade de Ostia as escavações, os restos hoje avistam-se daquele que poderia definir-se um edifício de habitação urbana de vastas dimensões, uma labreguice imperial com desenhos geométricos em mosaico de mármore policromo, opus alexandrinum a onfrontar-se com o opus novum de um hodierno evasor total.

Como era o mundo onde aportou Eneias por debaixo do chão da campina? Removido o estrato de cinza compacta aparecem aposentos de época helenística

¹ O Pantheon, visto tradicionalmente do alto como o olho do ciclone, fulcro ideal do movimento caótico da cidade, é também uma estação do metro "cósmico".

già nel 79 dopo Cristo abbandonati per precedenti terremoti e inondazioni. erano tante Rome disperse nei villaggi, Varrone già lo scrive col tono del racconto:

Mons Capitolinus era chiamato un tempo il colle di Saturno, e cita Ennio come in una favola, sul colle Saturnia era detta la città...

E presso Porta Mugonia al Palatino dalla casa dei Tarquini nel passaggio sotterraneo che conduce al santuario di Vesta scava ancora l'équipe per dimostrare come vuole il professore il legame tra i poteri: solo al re un diretto accesso era permesso al sacro fuoco.

Roma, Roma che ci scherzi ancora.

La mia filosofia è dispiaciuta ai preti, i quali e qui e in tutto il mondo, sotto un nome o sotto un altro, possono ancora e potranno eternamente tutto.

Di Leopardi che ritorna col pensiero a Roma dalle pendici del Vesuvio: "Ancora ti vidi dei tuoi steli abbellir l'erme contrade che cingon la cittade". Desolazione per desolazione, naturale per intellettuale, deserto per deserto...

Di Leopardi suddito dello stato pontificio liberale clandestino in ideologic isolamento – il ridicolo e il grottesco delle Operette per eccellenza armi illuministiche contro antropocentriche metafisiche – in quell'angusto regno del silenzio dalle mostruose tipologie censorie che fu il governo della Reverenda Camera Apostolica. Roma desertica.

já em 79 depois de Cristo abandonados por anteriores terremotos e inundações. Eram tantas Romas dispersas nas aldeias, Varrão já o escreve em tom de conto: Mons Capitolinus era chamada outrora a colina de Saturno, e cita Ennio como numa fábula, sobre a colina Saturnia era dita a cidade...

E junto a Porta Mugônia, no Palatino desde a casa dos Tarquínios na passagem subterrânea que conduz ao santuário de Vesta escava ainda a equipa para demonstrar como quer o professor o liame entre os poderes só ao rei se permitia um acesso directo ao sagrado fogo.

Roma, Roma que ainda brinca com isto.

A minha filosofia desagradou aos padres, os quais e aqui e no mundo todo, sob um o outro nome, podem ainda e poderão eternamente tudo.

De Leopardi que volta com o pensamento a Roma das encostas do Vesúvio: "Ainda te vi com tuas moitas embelezar os ermos em volta da cidade". Desolação por desolação, natural por intelectual, deserto por deserto...

De Leopardi súbdito do estado pontifício liberal clandestino em ideológico isolamento o ridículo e o grotesco das Operette por excelência armas iluministas contra antropocêntricas metafísicas. Naquele angusto reino do silêncio com as monstruosas tipologias censórias que foi o governo da Reverenda Câmara Apostólica. Roma desértica.

E la sera dei santi Abbondio e Procolo
il quattordici di aprile per osservare il
cielo dalle Mura Galileo salì col
telescopio sul Gianicolo.

Proprio da sopra il bosco Parrasio
– vasca in marmo a quadrifoglio, con al
centro due tritoni in travertino distesi
sul fianco a sorreggere fiori e frutta, dal
canestro fuoriesce uno zampillo – scoprì
i satelliti di Giove dimostrando del
sistema solare la struttura.

L'albero di Giuda cresce ancora lì attorno
tra sempreverdi alloro e fillirea, e in
aprile presenta un'intensa fioritura color
porpora intonata alle vesti di Agesandro
Tespóride, al secolo Monsignor Ciccolini,
Arcade e custode del Bosco.

Che cosa fa Roma stamattina?
Le luci non si spengono e i rumori
tardano, non si fanno sentire
che lenti gorgoglii. Dopo la sveglia
e l'amore non previsto in un non giorno
di festa si è riaddormentata beata.

Roma di corsa, Roma disperata
e scoordinata, adesso sei la viola
che scordata faceva imbestialire
la cantante al crocicchio pedonale,
e tremava lo chiffon vibrava d'ira.

*E na noite dos santos Abúndio e Próculo
catorze de Abril para observar o céu das
Murallas Galileo subiu com o telescópio
ao Gianicolo.*

*E mesmo em cima do Bosque Parrásio
– taça em mármore quadrifoliado, e no
meio dois tritões em travertino deitados nos
lados segurando flores e fruta, do cabaz
jorra um esguicho – descobriu os satélites
de Júpiter mostrando do sistema solar a
estrutura.*

*A árvore-da-judeia cresce ainda ali em
volta entre sempre-verdes louro e aderno,
e em abril apresenta uma intensa floração
cor de púrpura combinada com o traje de
Agesandro Tespóride, civilmente Monsenhor
Ciccolini, Árcade e guardador do Bosque.*

*O que faz Roma esta manhã?
As luzes não se apagam, e os ruídos
tardam, mal se sentem lentos gorgolejos.
Depois do acordar e do amor não previsto
num não dia de festa readormeceu
feliz.*

*Roma de corrida, Roma desesperada
e descoordenada, agora és a viola
que desafinada fazia enfurecer
a cantora na encruzilhada pedonal.
E tremia o chiffon, vibrava de ira.*